



O Nascimento

(Quadro de Correggio)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestrè 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 182

Braga, 23 de Dezembro de 1916

Anno IV

ARTE RELIGIOSA

A IMPRENSA

Estabelecimentos do Porto

A Arte Religiosa

A convite do nosso presado amigo, o honrado negociante, sr. Monteiro Borges, visitamos hontem, pela tarde, o seu bello estabelecimento de artigos religiosos, situado na esquina das ruas do Sol e Batalha. Levou-nos alli o desejo de ver uma Imagem do Coração de Jesus, que a Fermil de Basto se destina. Essa esculptura, honrando a arte nacional, honra sobremaneira as officinas d'esse nosso amigo, onde foi primorosamente executada.

E quedamo-nos, por largo tempo, admirando a perfeição impecavel do desenho, a formosura da cõr, a suavidade deliciosa que de tão linda imagem se irradia, como que envolvendo-nos, adoravelmente, no doce perfume da bondade que a cerca. E a nossa Alma ajoelhou ante o doce olhar do divino Nazareno, que parecia abençoar: tão perfeita, tão correcto é a execução da querida imagem de Jesus. Afamadas são todas as esculpturas, em madeira, sahidas d'este estabelecimento, que é incontestavelmente, inequalavelmente, o primeiro no seu genero em Portugal,—mas esta, a que agora nos referimos, é, positivamente, a melhor de todas ellas. Depois, amavelmente acompanhados, demos uma volta pelas officinas, onde o pessoal trabalha, contente e feliz, e tivemos occasião de ver como é grande a collecção de artigos religiosos, que alli se encontra. Riquissimas rendas de Bruxellas, o que de mais formoso existe, com modelos exclusivos da casa, que executa, rapidamente, qualquer desenho; esculpturas em talha; artigos de ouro, prata, bronze e latão; lampadarios riquissimos; bordados em que o olhar se poisa encantadoramente; paramentos que são maravilhas; imagens que sorriem encantadoramente; lindas flores artificiaes, tão lindas, tão «vivas», que insensivelmente, nos curvamos a aspirar lhe o perfume delicioso,—que o tem—sabem? — o perfume adoravel da fé;—tudo, Senhor!—tudo, o que ao Vosso serviço se destina, ali se encontra. E mais nos parecia visitar um lindo museu, onde mãos piedosas guardassem, cuidadosamente, tão bellas coisas, tão raras perfeições, maravilhas tantas,—do que um estabelecimento, onde ellas, por tão modicos preços, são vendidas. Monteiro Borges é um homem intelligente e trabalhador, que soube dar, á industria a que se dedica, um raro desenvolvimento.

Assim se explica a razão porque a sua casa, ha doze annos inaugurada, não tem igual. E eis aqui porque nós a recomendamos, effusivamente a todas as pessoas devotas, saudando, ao mesmo tempo, o trabalhador infatigavel que soube elevar, tão alto, a arte religiosa em Portugal.

(Da Liberdade)

AS EGREJAS fornecem-se da casa Monteiro Borges (Ruas do Sol e Batalha-Porto) por ser a mais completa no seu genero

O que ha de mais belo em **IMAGENS** de mais importante em **PARAMENTOS** e de mais fino em **ALFAIAS**



ESCULTURA
RELIGIOSA
EM
MADEIRA





ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 23 de Dezembro de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 182—Anno IV



A Virgem e o Menino Jesus adorado pelos Santos
(Quadro de Correggio)

O Natal na Ilha dos Açôres



O Nascimento — Quadro representado pelas creanças da freguezia da Ribeirinha no Fayal



Os Reis Magos e a comitiva a caminho para o local do Nascimento



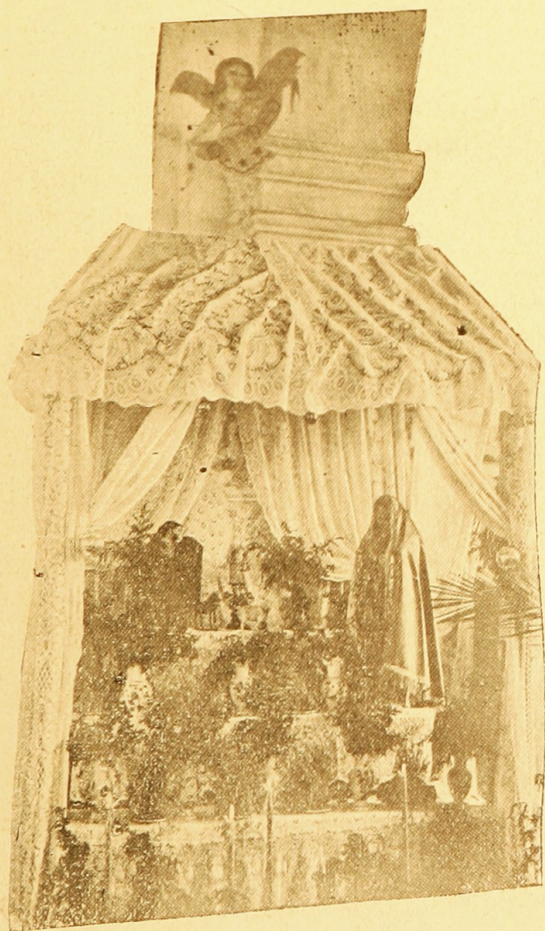
A adoração dos reis

AUTOS DO NATAL

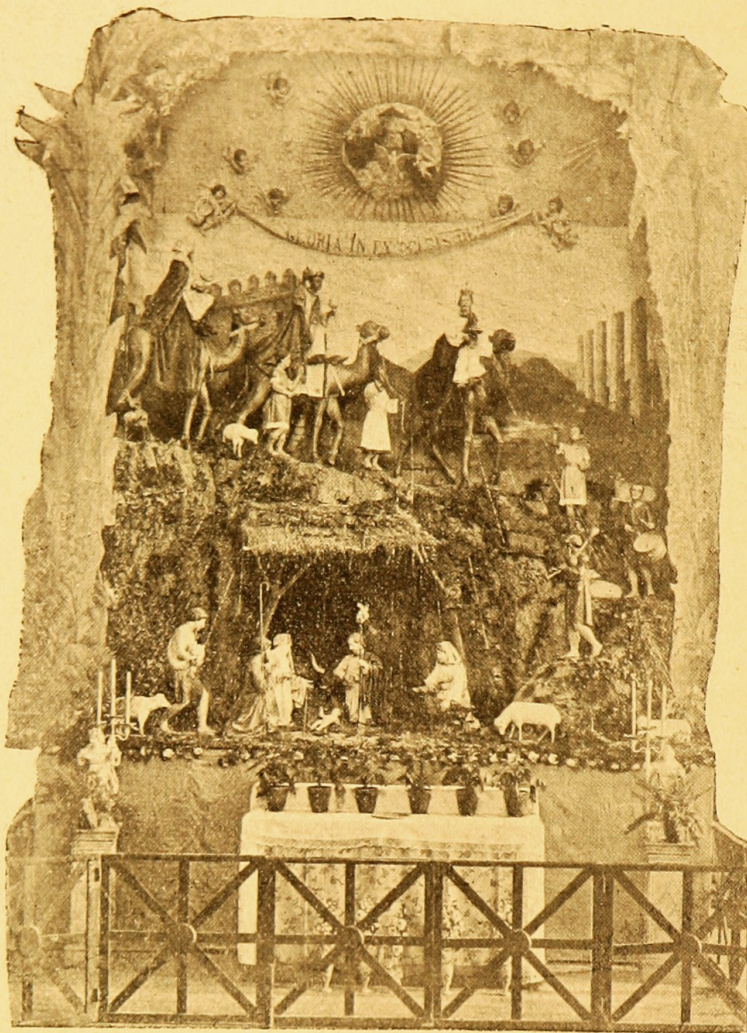
Ninguém medianamente instruído desconhece os «Autos Sacramentais», da idade de ouro peninsular, e a influencia que tiveram na formação das linguas hispanicas e da arte theatral moderna. A litteratura quinhentista tem muitos d'esses dramas de assumptos hieraticos em que as personagens se movem com sagrada prosopopeia, como nas mais elevadas tragedias da Grecia creadora.

Ora o theatro foi sempre, simultaneamente, indice da moral e intellectualidade da epocha em que se representa, e guia e mestre das paixões populares. Só tem vida theatral, o favor das plateias, o drama que faz ao publico ver a si proprio desenhado nas figuras que se agitam no tablado; por outra parte, no no prosceonio se glorifica diariamente o crime é certo que este se estende em pouco tempo nos costumes sociaes, e simultaneamente a virtude torna-se costume se essa é o objecto glorificado do theatro usual.

O periodo litterario dos «Autos Sacramentais» marca uma verdadeira epoinen} nos costumes e illustração religiosos eminentemente popularisados. Autos ha que só podem comprehender-se com uma elevada preparação theologica; e pelo menos todos demandam conhecimentos religiosos que hoje não são, infelizmente, tão vulgares quanto seria para desejar.



O presepio no templo parochial da Ribeirinha



Porto—O presepio na igreja do Bomfim^m
(Phot. J. Azevedo)

Nascimento do Salvador. E é, afinal, dos costumes de muitas outras localidades, tanto portuguesas como hespanholas, eguaes e interessantes autos religiosos.

Os assumptos são ordinariamente extrahidos da narração evangelica:—os anjos annunciando aos pastores o Nascimento de Deus; a adoração d'estes; a adoração dos Magos, que são segundo o erro commum revestidos dos attributos da realza que, historicamente não consta lhes pertencesse; a matança dos innocentes; a fugida para o Egypto algumas vezes. Emfim, como a mythologia pagã fazia seus dramas da descida de Istar aos infernos ou da morte de Adonis, ou dos mysterios eleusinos, prestando culto aos erros que obrumbravam nesses tempos de superstição a crença religiosa, assim na Luz do Evangelho a alma popular vibrou de santo enthusiasmo transportando para a ribalta os ensinamentos religiosos.

Cumprira-se a promessa divina; e realisa-se a Expectação das gentes; finalmente se dirigem para o Bem Sumo e intelligencia e a vontade. Motivo de jubilo que esses autos comemoram:

«Aegrae-vos, que é nascido
O Messias promeffido
Que anhelaram vossos paes».

J. Ribeiro Coelho.

Aqui é de salientar que, se bem se quebrou a tradição dos autos, não foi totalmente esquecida, pelo menos ao que toca ao Natal. Raras povoações portuguezas não teem espantneas manifestações do theatro popular, sob variadas e curiosas designações, na epocha do Nascimento do Salvador. Em Peniche chamavam-lhe «Dialogos», por mais que assumissem todo o entreocho de um drama em representações familiares que recordo com enternecida saudade. No antigo Provençal eram designados por «Mysterios» e tinham a curiosa caracteristica de, na final apothese, todos os circunstantes, ao referirse a concepção virginal de Maria, pôrem um dedo nos labios, ao passo que os actores se prostravam na scena, e disto encontrei eu vestigios em uma peça portuguesa.

Nós levamos ás ilhas adjacentes esses monumentos da arte theatral christã, gerada, segundo testemunhos historicos em representações hieraticas que se fizeram primeiro dentro dos proprios templos, como em Braga se conservou lembrança na «calhandra», até nossos dias. E que não esqueceram os interessantes ensinamentos, cabalmente provam as photographias que acompanham o presente despretençioso artigo. Por ellas se vê com quanto amor e brilhantismo na freguezia da Ribeirinha, do concelho do Fayal, se commemora em popular representação o



A venda de ramos do dia de Natal em Veneza

CHRONICA DA SEMANA

Nataes da vida...

Céu velado de nuvens, acossadas em turbilhões pela nortada... Silvos longos nas vigas do tecto e do sobrado. A ramagem range varejada pela chuva torrencial, fustigadora.

Natal! No quadrante os ponteiros vão caminhando, medindo os instantes da nossa anciedade pueril.

É o mar n'um rumor rouco, a azoar por sobre o casario da villa uma ameaça presaga.

De subito a lua sae de bojo do céu tempestuoso! Uma lufada varre e alimpa o ar... accendem-se estrellas... E todos trez achegamos as nossas cabecitas enovelladas em lenços de malha ás vidraças humidas da janella da sala de jantar, com os olhos talvez maravilhados da prata que fulgia na espuma do rio a desbordar, e do silencio que de repente se alargava pela amplidão solemne da noite alta.

É começavam de ouvir se a sineta vibrante, cantarolante do convento todo illuminado, todo banhado de luar atrahente... e o sino da matriz mais compassado a responder-lhe n'um tom—quem sabe!—mais moderno, mais cheio do scepticismo do seculo, pobre sino!

Nosso pae e nossa mãe levaram nos então á Missa do gallo. Meu irmão mais novo accoitava os cabellos d'oiro, aos caracoés, nas dobras da capa á hespanhola de meu pae. Passava gente... ouvia-se-lhes o som dos passos sobre o empedrado das ruas, misturado ao gorgolejo das aguas a derivar para o rio...

—Boa noite!

—Tambem vão?

Na egreja soltavam-se os canticos, a musica evolava-se como um fumo tenue de incensorios e nós, os tres quasi não davamos por nada, extasiados deante do presepio...

—Que lindo!

Voltando a casa, nem de outra casa fallavamos... até cahirmos a dormir, sonhando a belleza d'aquella noite!...

Doces Nataes! Como já passaram, a saudade augmentou com a distancia!

—O mar n'um rumor rouco azoava sempre por sobre mim a sua ameaça presaga. —

E chegou depois aquelle dia de Natal a que meu Pae pela ultima vez e para sempre não assistiu... Não sei quem pisava já n'aquella noite o lar em que eu nasci e d'onde, n'um dia de novembro, mau, terrivel, elle sahiu para o cemiterio!

Eu quasi não tive mais noites de Natal. Mas por muito que a realidade bruta da vida tantas vezes seja estanque de lagrimas—não ha não, tempo para chorar!—os quadros dos Nataes da minha infancia, como um cirio que jámais se apaga, me illuminam a vida, d'um claror diffuso de saudade, d'um claror diffuso do luar d'aquella noite em que eu espreitava a chuva de prata a cahir e a espalhar-se sobre o rio!...

São elles, são, que pouco a pouco vão buindo as verrugas que a fadiga nos risca na alma encruada pelo *struggle* quotidiano e entediante, de hoje a arrancada p'ra conquista do pão do dia de amanhã!

São elles, os quadros do Natal que fugiu, a neve da innocencia que desce sobre o mendacidade do velho mundo; sobre os corações partidos em pedaços; sobre a planura calçada pelos tórvos batalhões d'aquelle tórvo general: a Raiva; sobre as almas em lucto que vão tristes e cansadas pela estrada fóra, batendo ás portas, sem achar poisada—como n'aquelles versos *Neige, descends!* de Barbier.

Uma branda mão mysteriosa nos leva hoje direitos ao presepio. E vem-nos da cabana a voz santa que ensina a redempção pelo amor e pela paz, o carinho da familia, o dever de continuar a linha ancestral das boas tradições da raça.

Natal! E' um nome que canta! Jesus! E' um nome que dulcifica!

Tudo isto lá está no presepio, no eterno *Nascido de ainda agora*, como lhe chamou a suavissima penna de Bernardes... e se o não tivesse aprendido nas noites de Natal da minha infancia, não saberia hoje o verdadeiro sentido do soffrer...

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

“Nochebuena,,

AS cidades afinal são como as mulheres a quem se não devem perdoar certas intimidades e na hora amavel em que uma grande alegria ou uma dôr, uma costumeira ou umã festa, as faz surgir aos olhos extraahos, com a caseirice das suas lendas ou das suas tradições tornam-se insuportaveis. Madrid, n'essa noite vivia da tradição, estava positivamente na sua horã intima de *deshabillé*, que talvez encantasse os nacionaes, mas que para nós, estrangeiros indifferentes, a tornavam odiosa. A sua vida modificára-se como por encanto e as suas ruas enchiam-se d'uma multidão desconhecida mas alegre, cantando, rindo, á solta. Perdera a sua grave compostura de capital e dir-se-hia antes, uma immensa, luxuosa aldeia de phantasia, em romaria plena. Tornara-se inhabitavel.

Já pela tarde eu notara a extranha confusão que se estendia das ruas para os theatros, e para os *cines*, onde-nada se ouvia meis que essa palreira algarviada de festa.

Vagueara ao acaso, pelas ruas, parãra burguezmente diante das vitrines das lojas, onde toda uma arte infantil mas bisonha de seccos e molhados, amontoara em columnas e pyramides, todos os brunidos torrões d'Alicante, os embrincados massapães de Toledo, ligados por fios doirados entrelaçados, emaranhados, nas tramas d'uma parreira minhota, onde se penduravam uvas malaguenhas, avelludadas, loiras, como pedaços de sol cristalizado pendendo para um solo soenographico, de laranjas valencianas, amendoas e *bonbons*. N'outras, em vasos de barro pintado, pinheiros enfezados verdejavam recamados de lampadas microscopicas e de *bonbons*, reverberando, luzindo, n'uma extranha floração de confeitaria, e em cima n'uma nuvem d'algodão em rama, espargindo fios d'ilhama, um velho de pasta, de barbas biblicas, gelatinoso e alegre, a pansa de mago crusada do lefreiro tradicional, abria as mãos repletas de brinquedos e de flôres. Nas *montres* das *chaucuteries*, dos *restaurantes* cheias de luz, d'arbustos e de flôres, dormiam indolentes em poleiros doirodos, faizões solemnes; perús empados, fartos de trufas acocoravam-se em ninhos de legumes; fiambres e comedorias amontoavam-se apellifosas, que em iriações electricas provocavam, atravez dos crystaes baços, a miseria faminta, que os mirava desesperada e gulosa.

O commercio fechara cedo; apenas as confeitarias, as lojas de guloseimas e doçuras, abarrojavam de de gente —extranha multidão promiscua de grandes e pequenos, ricos e pobres, peliças e farrapos, — acotovelando-se anciosa da guloseima, depois sahindo aos encontrões sopesando embrulhos, para bifurcar para os autos e trens ou pelos asphaltos escorregadios da neve, alegre, contente, de preparar a sua festa de gosar na seu canto ou no seu palacio, a sua *media-noche*. As ruas estavam pejadas; na *carrera*, na *calle* Sevilha, na *Puerta del Sol* suffocava-se quasi, e para esse centro de civilisação e de luxo, tomado d'assalto pela populaça, convergia a multidão dos *barrios bajos*, das ruas affastadas, pittoresca, polychroma, nos seus trajes diversos, vozeando, rindo. Toda a cidade cantava feliz n'ela voz estridula dos pregões e passavam descantes, musicatas, bailes, estudantes, como se um capricho gigantesco, transplantasse para o coração alegre d'esse desusado Madrid, a *pradera* feliz em dia de *la Izida*. Era insuportavel!

Tentei ainda o hotel mas n'aquella noite não se podia viver sem um lar, sem uma familia, sem um canto onde crepitasse uma fogueira e cantasse a chamma viva d'uma affeição e desesperado, fui presuroso com a minha casaca e as minhas saudades, enterrar-me n'um *mapler* do *Ritz*. Alli, a festa era diferente porque todos os que farandoleassem ao derredor da arvore, que comessem humidas de champagne as suas uvas de *media-noche*, seriam como eu, estrangeiros mordidos de lembranças, longe das affeições, orbicularios correndo ao sabor da phantasia, cosmopolitas sem terra e sem lar vivendo d'um capricho ou d'uma aventura. Comprei o meu bilhete para a ceia e entrei no vasto *hall* esplendente de luz e flôres, engrinaldado, festivo, cruzado apenas, aquella hora, por alguma casaca negrejando severa entre tanta luz. Ao fundo no estrado do sextetto, um velho Tziganos dormitava tranquillo e do outro lado um largo biombo verde escuro encobria a entrada da salla da ceia, onde um tenir discreto de louça vinha esmorecendo, indicando o fim. Entrei. Por todas as mezas cheias de flôres onde os quebra-luzes projectavam mosaicos caprichosos, havia gente alegre, que sorria. Encontrei um canto, fiz-me servir e lá fui mergulhando as uvas na minha taça fumegante, abandonado, só, embriagado de tanta luz confundido de tanta grandeza. Voltei ao *hall* já cheio d'inglezes loiros e lusidios, velhas magestáticas em velludos solemnes, cobertas de joias, mulheres novas exuberantes de belleza e de luxo, nas suas *toilettes* leves, na graça subtil das suas rendas e das suas joias, na confusão das côres onde sómente contrastava o negro severo das casacas e a mancha vermelha dos tziganos, Enchera-se n'um momento o vasto *hall*. Fóra buzinavam os autos e de quando em vez o guarda-vento abria-se e por entre a fila curvada dos creados entravam mulheres muito sumidas nas pelles, vaporosas, abafadas.

A orchestra rompeu uma valsa e toda aquella multidão estremeceu, ondulou, como cma maré d'oiro d'um oceano de sol. A electricidade tremia, poeirava sobre aquellas cabeças, dava-lhes fôrmas inquietas de sombra, de mysterio e fazia-as dançar diante dos meus olhos que incidiam tremulos, cançados, na mancha vermelha dos tziganos, onde distinguiam n'uma poalha d'oiro, como no *ecran* brunido d'um *cine*, aquella mancha oscillar transmutar-se na chamma viva da minha lareira, e eu via o meu logar vasio lá muito longe, muito, n'esse alegre cantinho do mundo, onde alguém me lembrava, me chorava tambem.

E foi por isso que engolfando-me no ruido, embrenhando-me na festa, aturdindo-me na confusão ou cilhendo ao derredor do pinheiro magico de *nochebuena*, a minha sorte, eu não poude dissipar aquella visão, desfitar aquella mancha, que me bailava nos olhos como um rubro clarão, reverberando no fundo da minha alma aquella quadro longinquo que eu procurava esquecer.

E assim passei o meu primeiro natal do exilio; assim, entre recordações e saudades, comi as loiras uvas de *nochebuena* e fiz, como os outros, a *media-noche* da tradição.

A Consoada dos Heroes

POR JOÃO AVELINO.

I

Cahira, n'um golpe rude...
Uma explosiva rajada
Lhe vibrara um estilhaço...
E, sem que nada o escude,
A metralha, allucinada,
Prosegue na chuva d'aço,
Em saraivada...

Sente-se a cavallaria
N'um galope de pavor;
Clarins, canhões, espadas,
Resôam com valentia:
Aves de fogo e d'horror,
Vôam, matando, as granadas,
Que o ódio envia.

Fumo, pó, vertigem, sangue...
E elle, prostrado, sem pulso,
Com a fronte em chaga viva,
Cada vez mais frio e exangue;
Todo o corpo mais convulso:
A agonia mais activa
No seu impulso.

Cahira sobre dois mortos,
Branços de cêra, gelados,
Cheios de sangue e de lama...
Como dormiam absortos,
De ventres despedaçados,
Tendo outros mortos por cama,
Ensanguentados!

Sentia-lhes a carne algente,
Como que nascer os vermes,
Mysteriosos e torvos! —
Que abandono tão pungente!
Já lhes rasgam as epidermes
Os longos bicos dos corvos!...
E elles... inermes!

Vai morrer mesquinho assim,
Sem socorro, sem conforto,
Como um lobo, em descampado,
Em montaria sem fim;
E vai ser, depois de morto,
Um farrapo espedaçado,
Barco sem porto!

II

Mas, n'isto, uma voz maviosa:
— Irmão, como se sente? —
Era uma mulher, Esposa

De Jesus omnipotente,
Uma santa Irmã piedosa,
Resplandecente.

E já lhe cingia o busto;
E já lhe matava a sêde...
Já o levava, (e com que custo!)
Até á velha parede,
Junto a um pinheiro robusto...
Olhai-a, vêde!

Pensou-lhe a ferida immensa
Com mão ligeira e segura:
E, logo, cheia de crença,
De caridade e ternura,
Lhe pede que afaste e vença
Toda a amargura,

— Meu Irmão, fé e coragem!
Não tenha medo da noite
Que vai descendo; esta aragem,
Que tem durezas de açoite,
Diz-lhe que os crentes reagem,
E que se afoite! —

E ficaram taciturnos.
A noite vinha gelada.
Aos bandos, como que aos turnos,
N'uma triste revoada,
Piavam mochos nocturnos,
Voz maguada.

III

Mas elle, de repente, diz choroso:
— Ah! minha Irmã, é noite de Natal!
E nós n'este relento! Que punhal!
Que saudades, no peito angustioso! —

Ella ouve, e sorri, d'olhar formoso
Nas muitas lágrimas, subtil caudal;
E, n'um heroico esforço colossal,
Apona para o ceu mysterioso...

Vai fallar; mas o panico a suffoca...
Perdida, ao fim da pugna, uma granada
Os despedaça a ambos, quando os tóca...

Vê-se n'isto só carne ensanguentada...
Tudo miseria, horror, alli evôca...
E é esta dos herois a consoada!

Quadros da guerra

Ha dois annos...

Eu quero dar aos leitores da *Illustração* uma rapida visão do Natal de 1914 na patria de Joana d'Arc em plena guerra. Possam as minhas palavras reproduzir a forte emoção recebida na leitura que acabo de fazer de alguma dezenas de episodios descriptos em depoimento por padres e soldados que andam nas linhas.

Tem todos elles um colorido embaciado pela bruma, em que palpita o mysterioso desbotoar das almas, vivendo em contensões supremas de esperança... Aqui é a missa rezada nos Altos-do-Mosa nas trincheiras profundas, a 200 metros do inimigo, n'um acantonamento que recorda uma aldeia africana. Além, é uma verdadeira vellada de armas no 342.º d'infantaria, n'um recanto d'uma quinta nas vésperas de partir para as trincheiras. «Os lustres são dois lampiões de carruagem suspensas por cordas das traves poeirentas d'um palheiro. Na massa dos soldados emerge d'onde a onde uma vélinha cujo clarão contrasta com o fundo sombrio e sujo das parêdes e põe em relêvo algumas faces duras, de barba hirsuta. O padre-official quasi se dobra em dois sobre o altar para lêr as orações do missal mal illuminado. Perto d'elle, dois officiaes da companhia visinha, de joelhos sobre a palha, dão um franco e commovido exemplo de piedade...». Mais além para o norte, Nas dôcas de Dunkerque um enfermeiro pergunta:— Quem nos diria que feriamos este anno a nossa festa do Natal? E conta:

— Sob os grandes *halls* das dôcas de Dunkerque, atravancados de saccos, caixas, bagagem de toda a ordem, encontramos uma sala discrêta que a nossa actividade depressa transforma em capella... Uma bella cruz ao fundo; na dobra d'uma bandeira, á direita e á esquerda, uma panoplia, algumas véllas, ramos vêrdes a quebrar a monotonia cinzenta dos nossos cascos, e a missa vaé começar. A sala encheu-se de soldados de todas as edades. Ha-os do norte e do sul, quase duzentos, todos recolhidos e todos velhos.

Não é bizarro o quadro, leitor? como aquella vasta cave das margens do Marne, escura, onde todo um regimento atesta a fé dos Vendeanos, e a que os soldados já chamam *catacumbas*?

E', sem duvida— «Ao Evangelho, prosêgue o enfermeiro, canta-se o *Crêdo* e as nossas almas preparáram-se para ouvir *La chato avuglo* (a *céguinha*) aquella doce cantilena do grande amigo e mestre de Mistral, José Roumanille.»

E alli, nas dôcas de Dunkerque, em plena guerra revive toda a graça, doirada de sol, da bella poesia, toma uma estranho elevação de intima belleza a supplica da *céguinha* a sua mãe para que a lêve comsigo á egreja vêr nascer e adorar o Menino Jesus:

*Mai qu'eiti bêsoun d'ieu,
Bono maîré, per creiré,
Per adourá?
Ma man, enfant de Diéu
Se te pode pa veîre.
Té toucaral*

Ouvia-se não longe o rumor das vagas. E vinho lá de fóra o ruído do canhoneio dirigido pela frota ingleza contra as dunas de Nieuport...

E aquella historia do encontro do Menino Jesus de Carnoy pelos soldados normandos? Nos escombros da pequena aldeia da Picardia viera cahir uma imagem de S. José com o Menino adormecido nos braços. A imagem do Santo patriarcha partiu-se e o Menino Jesus ficou intacto, a dormir, a dormir sempre sobre os escombros da sua egreja. até que um sargento o levou para a trincheira e o deitou n'um bercinho de rosas...

Das trincheiras da Belgica alguém escrevia ao XX.º *Siècle*: «Nós estavamos de guarda na noite de Natal nos postos avançados sobre um ilhéusito perdido no meio dos grandes lagos formados pelas innundações do Yser; a lua fazia brilhar com reflexos metálicos a superficie gelada das aguas; as sentinellas tinham ordem de não fechar olho... E de repente elle ouviu um murmurio, uma harmonia que se erguia grave e solemne como um choral de Back: era o inimigo que celebrava o seu Natal... Meia noite. Um clamor immenso, arripiante, sóbe como resposta aos *héhé* do inimigo. de todos os buracos de toupeira desde Dixmude a Nieuport:

*Minuit, chrétiens, c'est l'heure solemnelle
Où l'Homme Dieu descendit jusqu' à nous!*

Era o povo heroico que sentira passar como um sôpro, sobre as almas o *élan* da fé dos seus avós!

Agora os quadros da trégua, as paginas de paz escriptas no meio das batalhas.

Estamos n'uma das frentes do Norte. Uma bandeira branca erguida ao mesmo tempo por francezes e alle-mães convencionára o apasiguamento da lucta n'aquelle dia entre os contendores, a 80 metros de distancias apenas... Cinco allemães e cinco francezes saém ao mesmo tempo das trincheiras. Encontram-se um pouco adeante das rêdes de arame francezas. Os dez homens apertam-se as mãos e trocam chocolate e cigarros; depois, sob os olhares curiosos dos camaradas que os seguem das trincheiras, conversam durante alguns minutos... Apertam-se de novo as mãos e regressam cada grupo para o seu lado, enquanto um pouco distante no campanario d'uma egreja indémne ás balas davam as badaladas da Meia-noite divina.

E foi assim o Natal de ha dois annos, na guerra, sobre a terra ensanguentada da França!

F. D'ALMEIRIM.



Os noivos



Os noivos acompanhados dos membros da familia após a cerimonia

No dia 7 do mez corrente, realizou-se no templo do Bom Jesus do Monte o enlace matrimonial do snr. Alvaro Pinto dos Santos, filho do snr. Antonio Pinto dos Santos Junior e da ex.^{ma} snr.^a Ú. Josephina Pinto de Magalhães, com a ex.^{ma} snr.^a

D. Alice de Castro Loureiro Pinto dos Santos, filha do snr. Adelino Bernardo Loureiro e da ex.^{ma} snr.^a D. Helena de Castro Loureiro, proprietarios e capitalistas da cidade do Porto.

O acto revestiu-se de grande pompa, sendo servido um finissimo *lunch* no Grande Hotel do Elevador.



Durante o "lunch"

Em Villa Verde

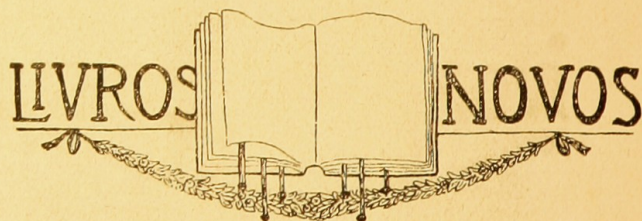


1—Padre João Martins de Freitas, de Carreiras. Padre João Antonio de Araujo, de Aboim. 3—Padre Nogueira, de Duas Igrejas. 4—Padre João Marcellino Fernandes, da Loureira. 5—Abilio José de Oliveira, de Azões. 6 Francisco Joaquim Martins, de Barbudo, 7—Antonio Gonçalves de Araujo Estrada, de Escariz. 8—Abilio Januario de Azevedo, de Duas Igrejas. 9—Padre Alfredo Martins, de Valdreu. 10—Padre Manuel F. Pereira y Mosquera, de Azões



O snr. conselheiro José Maria d'Alpoim, figura de grande destaque no tempo da monarchia, f^o leceu ha dias, confortado com os sacramentos

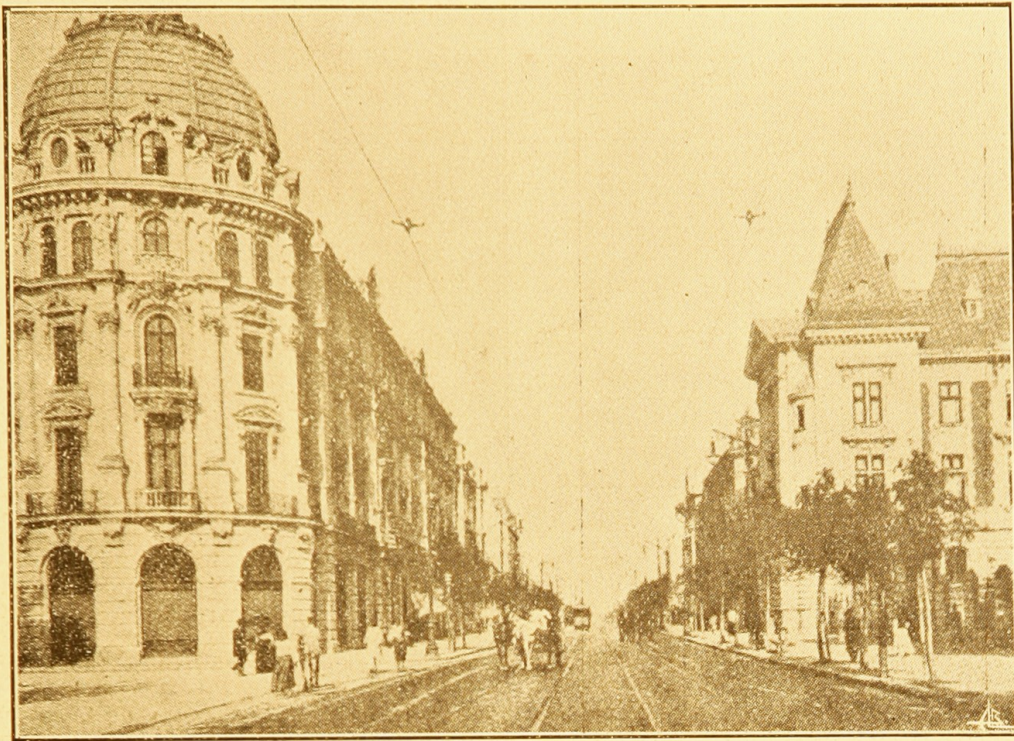
Estes cavalheiros, que estiveram presos na cadeia de Braga, onde receberam visita de muitas pessoas d'este e do visinho concelho, são domiciliados em Villa Verde, e lá foram presos sob um futil pretexto, por occasião dos trabalhos preparatorios das eleições administrativas ultimamente adia-
das Foram postos em liberdade poucos dias depois, sem que tivessem sido pronunciados,



Portugal, por Adriano Correia

E' uma elegante plaquette de 6 paginas, a que com este título recebemos, e impressa com esmero em Coimbra.

Sem entrecho, a mimosa poesia é uma explosão de ternissimas expressões, riquissima de epithetos, vibrante de louco entusiasmo, caricia de uma alma apaixonada pela ideia da Patria. Nada mais, e nada menos. Verso bem feito, expressões grandiloquas, preito emfim de amor, incenso nas aras de Portugal, evocação rapida em phrase resonante das glorias primevas. Muito bem. Agradecendo a oferta, cumprimos o genial auctro.



1—Bucharest. — Uma das mais importantes ruas d'aquella capital, ha pouco tomada pelos allemães.

2—Semanas antes do Natal—Os soldados inglezes feridos que estão em tratamento nos hospitaes fazendo cigarros para os companheiros que os fumarão nas trincheiras.

3—Dois soldados inglezes filhos da mesma familia recordando, durante um descanso o proximo dia de Natal que no tempo de paz tão brilhante e carinhosamente e festeja nos lares inglezes.





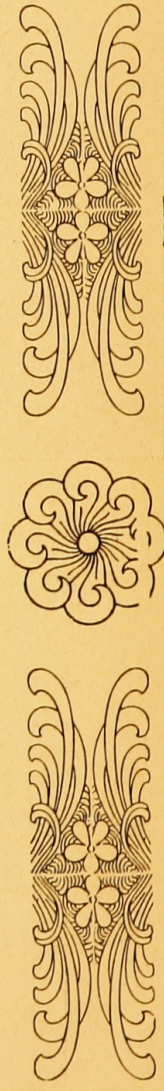
Um official d'um regimento de cossacos, que durante a guerra russo-japoneza prestou revelantes serviços á Russia e que n'esta guerra igualmente presta revelantes serviços de reconhecimento



Um soldado inglez abraçando na gare da sua terra natal, seus filhos e esposa



Um posto de observação



Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsanto; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos menores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^ª—rua do Corpo da Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250
Cartonado, 320

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

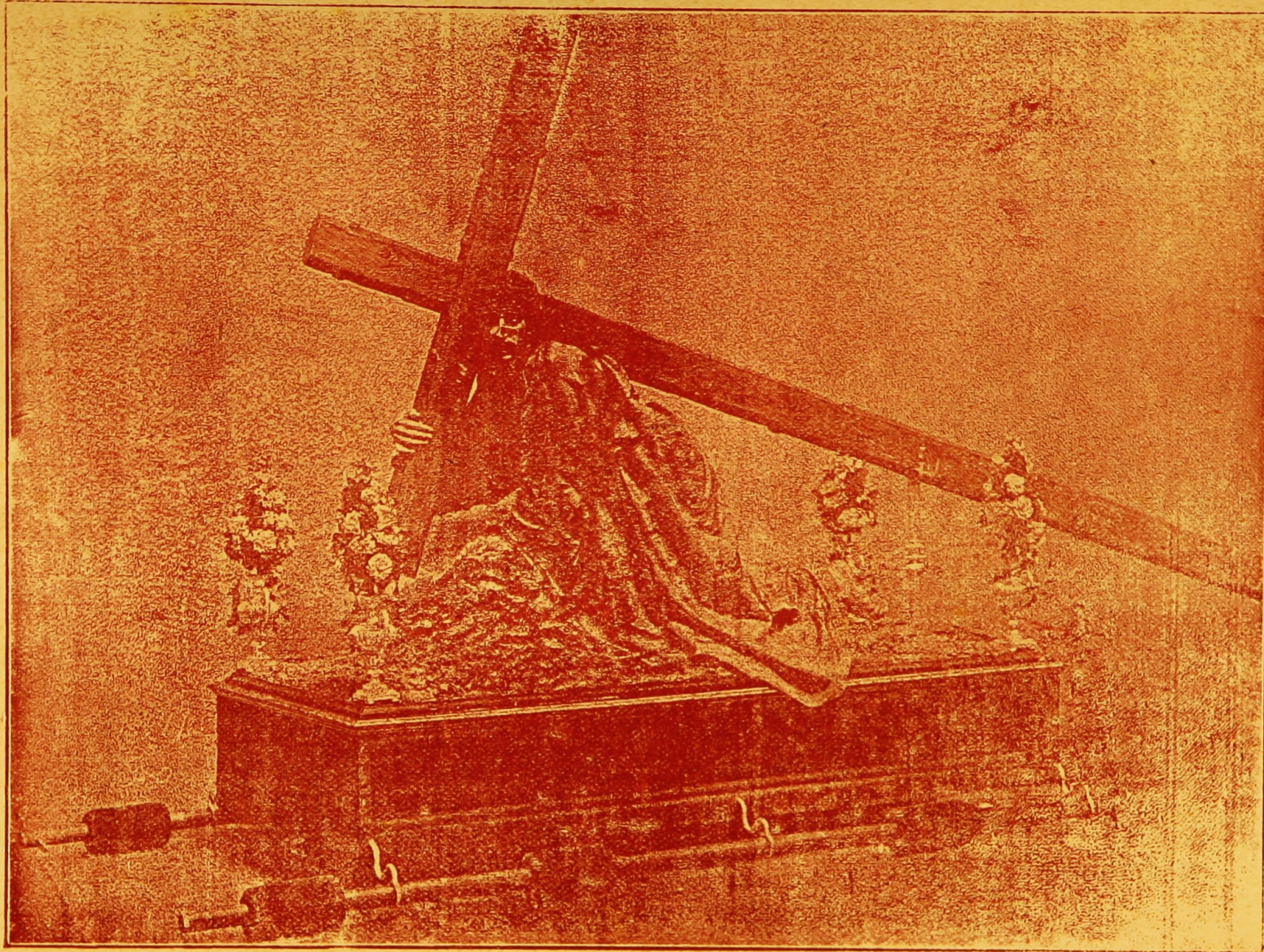
Ornamentos de Igreja da Casa Estrella



Officinas d'Escultura e Talha religiosa
em madeira, marfim e massa

CASA FUNDADA EM 1874

AS
maiores
officinas
do Paiz



Pecam
catalogo
illustrado
com 143
gravuras

PORTO

Bomja, dim 85 a 89 e rua de S. Antonio 59 a 63

de cimen e de uma scultura em madeira

GUARDA

Representante e depositario CASA LUCENA—Rua Hellodoro Salgado